

O FEUDALISMO

META

Apresentar o feudalismo, seu desenvolvimento e sua desintegração.

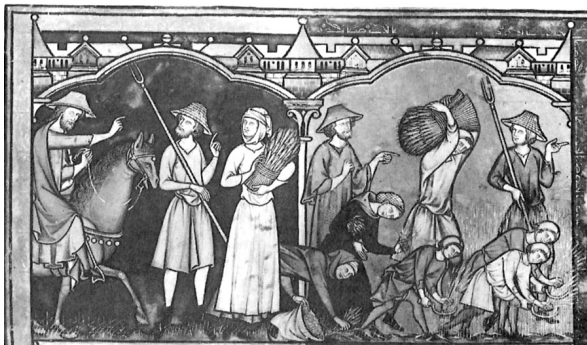
OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- identificar as características fundamentais do feudalismo;
- aprender as etapas do desenvolvimento do feudalismo;
- diferenciar as formas de expropriação do trabalho camponês;
- identificar os elementos que contribuíram para a desagregação do feudalismo.

PRÉ-REQUISITOS

Realizar uma pesquisa que ajude a diferenciar a condição de escravo da condição de servo.



Figuras 1, 2 - Vários aspectos da vida nas comunidades medievais auto-suficientes foram representados em iluminuras do século XIII. As caçadas (acima) eram, ao mesmo tempo, fonte de alimento e de diversão para o senhor. Abaixo está uma cena agrícola (colheita) baseada na história bíblica de Ruth.

(Fonte: BAILKEY, TAYLOR e WALLBANK. Civilization: past & present. Vol. I. Glenview: Scott, Foresman and company, 1976, p. 335).

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do feudalismo na Europa ocidental teve uma longa duração. A sua gênese data do século V, alcançando a sua plenitude durante o século XI e meados do século XII, sendo que durante os séculos XIV e XV foi sacudido por crises e profundas transformações. A base estrutural foi fornecida pela articulação de elementos originários na crise da formação escravista romana e no movimento migratório de povos germânicos. A sua característica básica foi o domínio da relação de servidão, estabelecido entre o produtor direto e proprietário da terra, e do principal meio de produção, a própria terra. A relação de servidão na Europa ocidental permitiu a apropriação do trabalho através de três formas: renda-trabalho (corvéia), renda-mercadoria e renda-dinheiro.

Durante os séculos XI ao XIII, na Europa ocidental, aconteceu um surto de crescimento econômico movido pela expansão comercial e urbana. Contraditoriamente, o crescimento econômico apontou os limites de o modo de produção feudal aceitar a expansão comercial e urbana, fenômeno que geraria uma forte crise estrutural, que, acoplada à conjuntura desfavorável ocorrida no século XIV, provocaria uma forte desaceleração econômica, que só teria recuperação com a expansão comercial do século XVI. A crise estrutural do feudalismo anunciava alguns elementos que ganhariam evidência no processo de instituição do capitalismo. É bom informar que característica feudal não foi atributo único do mundo ocidental europeu, pois foi encontrada em sociedades não européias como a japonesa e com sua periodização não se enquadrando na aplicada a regiões da Europa ocidental (Inglaterra), onde foi criada a condição para o surgimento do modo de produção capitalista.



Figura 3 - Aspecto de um senhorio (Fonte: <http://www.telefonica.net>).

FEUDALISMO

A crise da formação escravista romana, a partir do século III, que provocou instabilidade política, insegurança e desmonte do escravismo, articulada à invasão dos povos germânicos, contribuiu para o surgimento de práticas como: o colonato, a clientela, o precário e a vila, na unidade de produção auto-suficiente. As inovações romanas desenvolvidas durante os séculos III e IV juntaram-se às práticas germânicas, oriundas da desagregação da economia natural materializada pela decomposição da propriedade comunal em favor da propriedade privada pertencente à nobreza gentílica, favorecendo o surgimento do feudalismo em regiões da Europa ocidental.

O desenvolvimento do feudalismo, na Europa ocidental, percorre uma longa duração que compreende o período de formação (século V ao X), período de consolidação (séculos X e XI) e o período de desagregação (século XII ao XV).

A sociedade feudal possuía como modo de produção dominante a relação de produção servil estabelecida entre o produtor direto (o camponês) e o proprietário da terra. A servidão implicava na realização do trabalho compulsório (obrigatório) realizado pelo trabalhador (o servo) para atender aos interesses econômicos e sociais do senhor (o proprietário).

Prioritariamente, o modo de produção servil dedicava-se ao trabalho na terra (agricultura); as suas forças produtivas eram rudimentares, operando técnicas e instrumentos de trabalho simples, que geralmente pertenciam ao trabalhador, a sua divisão social do trabalho “mostrava-se em nível primitivo de desenvolvimento”, resultando em um baixo desempenho em sua produtividade (DOBB, 1980, p. 48). Para atenuar a baixa produtividade e o “cansaço” da terra os camponeses feudais inovaram ao substituírem o rodízio de dois campos para o sistema de rotação de cultura de três campos. Para exemplificar, usamos o tabela construído por Leo Huberman:

	1º ano	2º ano	3º ano
Campo I	Trigo	Cevada	Em descanso
Campo II	Cevada	Em descanso	Trigo
Campo III	Em descanso	Trigo	Cevada

(Fonte: HUBERMAN, 1981, p. 14)

Segundo Hunt & Sherman, a modificação no sistema de rotação de cultura aumentou a produtividade da terra em mais ou menos 50% em um ano, na mesma propriedade (HUNT ; SHERMAN, 1981).

O regime de propriedade no feudo caracterizava-se pelo domínio de três propriedades: a reserva senhorial, geralmente ocupava as terras mais férteis e estava destinada a produzir diretamente para o senhor; a propriedade de uso dos servos que, em troca de pagamento em serviços, em produto ou em dinheiro trabalhava a terra para o seu sustento; e, por fim, as terras que eram de uso coletivo para a realização da caça, extração de madeira, pastagens etc.

A condição necessária à existência da relação de servidão estava na propriedade fundiária que permitia à classe dominante (senhor feudal) impor ao produtor direto, na condição de servo preso à terra (servo da gleba), reproduzir a sua força de trabalho, dedicar-se a trabalhar nas terras do senhor para retirar o seu sustento além de um excedente que seria apropriado pela classe dominante.

Ao longo do desenvolvimento do feudalismo foram aplicadas três formas de apropriação do excedente pelo senhor feudal. Uma forma foi a corvêia (renda-trabalho) que consistia no trabalho do servo durante determinado tempo em terras do senhor feudal. O produto da atividade era de propriedade do senhor. O servo, além de realizar a corvêia teria de produzir para o seu sustento. É bom realçar que toda a tarefa do servo voltada à produção era executada utilizando os seus instrumentos de trabalho. A

segunda forma de apropriação se realizava através da renda-espécie, que consistia na cessão de parte da produção realizada pelo servo ao senhor feudal. Por último, a renda-dinheiro, onde o servo tinha a necessidade de comercializar a sua produção para conseguir dinheiro e efetuar o pagamento ao senhor pelo uso da terra.

Além das três formas de apropriação do trabalho pelo senhor feudal existiam as “obrigações”, que são taxas obrigatórias a serem pagas pelos camponeses feudais, entre as quais citamos: a talha, a capitação, o censo, banalidades, taxa de justiça, taxa de casamento e a mão-morta. Ainda existia a taxa paga à Igreja Católica Romana - o Tostão de São Pedro.

As três formas de apropriação de parte do produto realizado pelo servo existiram paralelamente, mas, a depender da conjuntura, uma prevalecia sobre outra. Por exemplo, a renda-dinheiro tornou-se prática dominante no momento



Figura 4 - Trabalho camponês no feudo
(Fonte: <http://www.historianet.com.br>).

histórico em que o ressurgimento do comércio e da urbanização convivem, pois os senhores feudais e segmentos mais abonados da sociedade feudal em contato com os produtos de luxo oferecidos pelo mercado passaram a necessitar de moedas para a aquisição dos produtos.

Sobre o estágio em que a renda-dinheiro tornou-se dominante no desenvolvimento feudal, DOBB teceu o seguinte comentário: “A renda em dinheiro, bem como os serviços dos servos, passaram a ser uma ambição dos senhores, desenvolvendo-se um mercado de empréstimos e outro de terras. Como disse um autor, falando sobre a Inglaterra: ‘as grandes estradas que ligam Londres ao litoral são as artérias pelas quais flui o dinheiro, o solvente mais destruidor do poder senho-rial.’”(DOBB, 1980, p. 47).

O desejo pela posse de dinheiro exigiu que a produção aumentasse e para isso novas terras foram incorporadas à produção agrícola. Mas, só a terra não bastava, era necessário ter a mão-de-obra para fazer produzir. A forma encontrada para suprir a escassez de força de trabalho foi ampliar a contratação de trabalho pago temporariamente e também a de ampliar a prática do arrendamento (pagamento em dinheiro) pelo uso da terra.



Figura 5 - Cerimônia de contrato de vassalagem
(Fonte: <http://www.portalplanetasedna.com.ar>).

A implementação dessas medidas implicava em tornar frágil a relação servil, contribuindo para o crescimento de uma força de trabalho independente da terra (lembrar que o servo é um trabalhador preso a terra – servo da gleba) e transformar os instrumentos de trabalho e os meios de produção

em mercadoria. Mas, esse caminho não foi seguido em todas as unidades feudais, pois, para a arrecadação de dinheiro, realizou-se a intensificação das cobranças da renda-dinheiro como das “obrigações” feudais.

Correlatas às transformações no processo de produção agrário as atividades urbanas (artesanato e a comercial) passaram por significativas modificações. O artesanato, em virtude do crescimento do comércio (mais produtos e melhor qualidade), encaminhou-se para a especialização.

Gradativamente, o trabalho artesanal deixava de atuar como uma extensão da atividade rural, passando a realizar a sua produção para o mercado. A organização do trabalho na unidade de produção artesanal passou a ter uma hierarquia: o mestre proprietário dos meios de produção e do excedente; o oficial ou companheiro ajudante do mestre; e o aprendiz. No primeiro momento, o mestre era proprietário dos instrumentos, da matéria-prima a ser transformada e da comercialização.

Com o objetivo de defenderem os seus interesses frente aos senhores feudais e aos novos concorrentes e equilibrar a oferta de produtos no mercado, os artesãos criaram os grêmios (corporações de ofícios), enquanto os comerciantes, por sua vez, organizaram-se em guildas.

Mas, à medida que aumenta a complexidade e a exigência do mercado, o mestre artesão vai perdendo a propriedade dos instrumentos, da matéria-prima e da mercantilização do produto final para um “novo ator” da economia, que surgia fruto da acumulação de capital oriundo do comércio.

Com a necessidade de maior número de produtos com melhor qualidade para atender ao mercado os comerciantes passaram a investir no processo de produção. Primeiramente, através do fornecimento de matéria-prima ao artesão; depois, fornecendo instrumentos de trabalho; em seguida, unificando os artesãos em um único lugar de produção; e, por fim, monopolizando a venda do produto. Esse processo era o embrião da futura fábrica que se multiplicaria, na Inglaterra, durante o século XVIII. Na outra ponta, o processo culminou com mestres artesãos e seus auxiliares sendo reduzidos a vendedores de sua força de trabalho aos financiadores do processo de produção (comerciante manufatureiro – futuro burguês).

No século XI, em virtude da queda da taxa de mortalidade pela diminuição

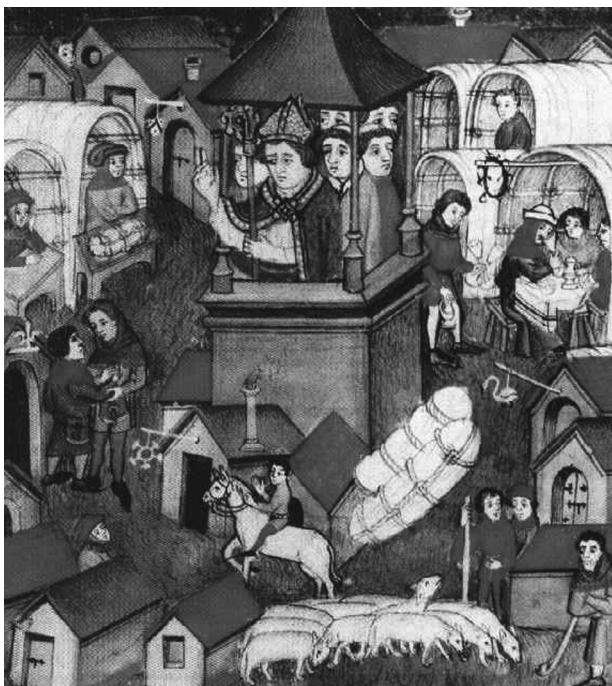


Figura 6- Feira Medieval (Fonte: <http://www.guilhermedealmeida.com.br>).

das guerras e das melhorias nas condições de vida (melhor alimentação e menos enfermidades), a Europa ocidental teve um significativo aumento populacional, que exigia mais oferta de alimento e trabalho. O crescimento demográfico ampliava o mercado, forçando maior produtividade, a melhoria da técnica e dos instrumentos de trabalho, mais racionalização da atividade comercial (moeda, crédito etc.) e a urbanização com suas exigências políticas (autonomia).



Figura 7 - Mapa do comércio europeu no século XIV (Fonte: ARRUDA, José Jobson de. Toda a História. 8 ed, São Paulo: Ática, 2000, p. 130).

As novas exigências depararam-se com os limites impostos pela estrutura do modo de produção feudal que impedia o crescimento do comércio. Essa situação contribuiu para segmentos sociais manifestarem-se contra a estrutura feudal que impedia a continuidade de seu crescimento econômico ou pela radicalização no uso das tradições feudais.

É tanto que o desenvolvimento do feudalismo durante o século XIII e meados do século XIV não impediu a acumulação da insatisfação dos camponeses servos, dos pequenos proprietários, arrendatários, pequenos artesãos e comerciantes em relação à ordem feudal que impedia “liberdades” necessárias para a continuidade do crescimento econômico. Várias revoltas aconteceram na Europa Ocidental, no século XIV. No Flandres, revoltas dos jornaleiros, revoltas camponesas na França e Inglaterra. As revoltas

foram importantes para impulsionar o desgaste do feudalismo e alimentar as forças que atuaram na formação do capitalismo (DOBB, 1981).

Essa situação de instabilidade vai ser intensificada pela conjuntura desfavorável que a Europa viveu durante a segunda metade do século XIV, provocada pela “peste negra” e pela fome, que debilitaram a oferta de força de trabalho, encarecendo-a. Junte-se a esses problemas o monopólio das rotas comerciais com o oriente pelas cidades italianas (principalmente Gênova e Veneza) e pelos turcos otomanos que a partir da conquista de Constantinopla, em 1493, passaram a controlar o Mar Mediterrâneo, tornando caras as “especiarias orientais”.

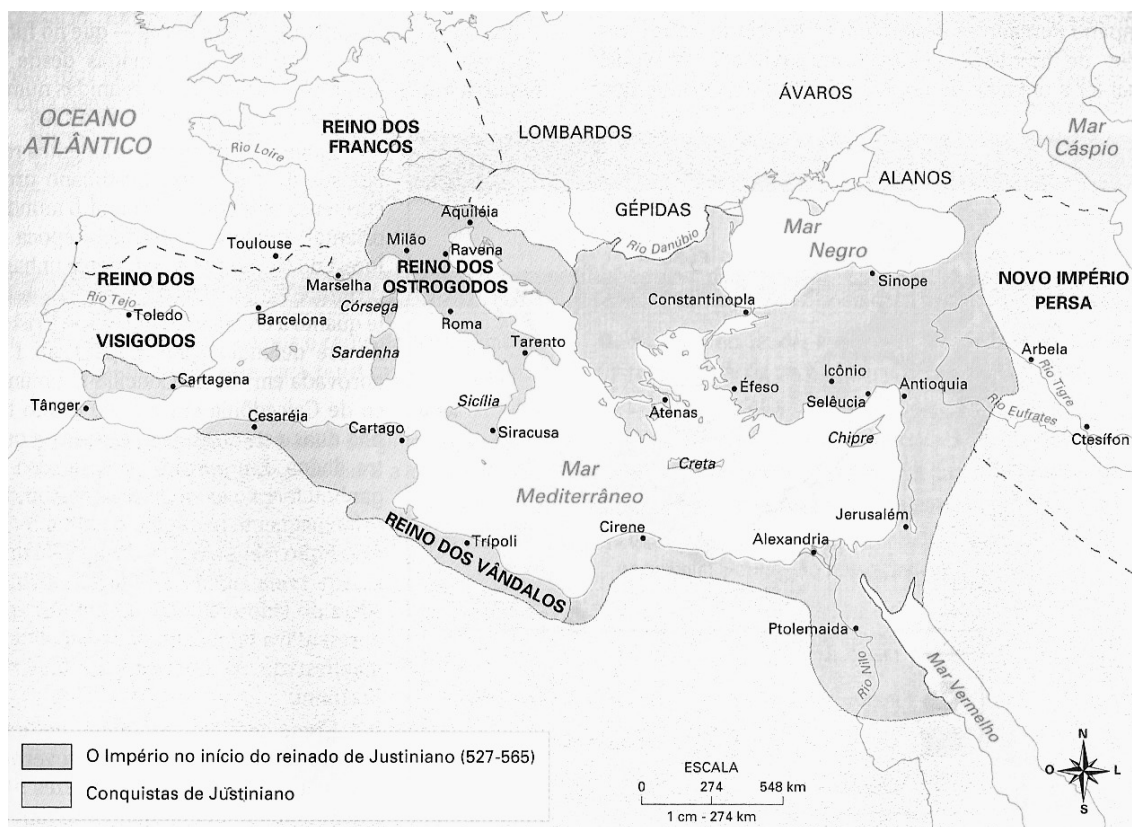


Figura 8 - Império Bizantino em sua maior extensão (século VII) (Fonte: ARRUDA, José Jobson de. Toda a História. 8 ed., São Paulo: Ática, 2000, p. 112).

CONCLUSÃO

As transformações estruturais ocorridas no interior do modo de produção, materializadas pela desarticulação da servidão, e o início da transformação dos componentes das forças produtivas em mercadoria foram aprofundadas a partir do século XV, através da retomada do crescimento da atividade comercial em virtude da expansão marítima que forneceu as especiarias e metais para o mercado europeu. Articulada a expansão comercial, transformações políticas, sociais e culturais aconteceram, preparando as condições necessárias à realização da acumulação primitiva necessária para alavancar o capitalismo. A acumulação primitiva ou a “pré-história do capital e do modo de produção capitalista” será o assunto abordado na próxima aula.

RESUMO

O feudalismo, na Europa ocidental, nascido na articulação da crise do escravismo romano e da economia natural germânica teve como característica central a relação de servidão, que garantia ao senhor da gleba a expropriação do trabalho realizado através da extração da renda-trabalho, renda-espécie e renda-dinheiro. Do século XI a meados do século XIV, na Europa ocidental, ocorreu um período de desenvolvimento econômico.

“O mundo medieval, assim, terminou numa crise generalizada. Tanto os berços do feudalismo do Ocidente como os territórios do Oriente, onde ela havia se propagado ou onde não pudera se desenvolver, foram cenário de profundo processo de dissolução e mutação sócio-econômica no princípio do século XV” (ANDERSON, 1989).

ATIVIDADES

Comente as seguintes citações:

- a) “A ‘economia natural’ e a ‘economia de troca’ são duas ordens econômicas que não se podem misturar e a presença da última, ao que nos dizem, é bastante para fazer a primeira dissolver-se” (DOBB, 1980, p. 47).
- b) “... o camponês ‘nunca bebe o produto de suas vinhas, nem prova uma migalha do bom alimento; muito feliz será se puder ter seu pão preto e pouco de sua manteiga e queijo...’. Se ele tiver ganso ou galinha gorda, bolo de farinha de trigo em seu armário, tudo isso terá de ser do senhor” (HUBERMAN, 1981, p. 15).



c) É coerente classificar os modos de produção asiático, escravista e feudal como “modos de produção tributários”? Justifique.

d) “A transição do modo de produção feudal tomou duas vias. O produtor direto tornou-se um mercador e capitalista em oposição à economia agrícola e natural e ao artesanato controlado pelas guildas das indústrias urbanas medievais. Esta é a via realmente revolucionária. Ou, então, o comerciante se apossa diretamente da produção. Esta via, apesar de servir historicamente de modo de transição – como, por exemplo, o negociante do século XVII que controla os tecelões, ainda que estes trabalhem independentes, vendendo-lhes a lã e comprando deles o tecido – não pode por si só fazer muito no sentido de derrubar o antigo modo de produção, ao contrário, preserva-o e o utiliza como sua premissa” (MARX, 1990).

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

As quatro sentenças apontam para uma reflexão que demonstra uma contradição que pode ser verificada no modo de produção feudal, que se alicerça na dependência do servo ao senhor. A terceira sentença sinaliza a complexidade existente no processo de transição do feudalismo para o capitalismo. Também é interessante observar que, no feudalismo, os diversos tributos cobrados pelo senhor feudal garantem a apropriação das riquezas produzidas pelos trabalhadores.



AUTO-AVALIAÇÃO

Consideramos que o texto não abarca a complexidade do debate existente na academia sobre o feudalismo, por isso, para aprofundamento, indicamos uma literatura que este já inclusa na bibliografia.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. **Passagens da antigüidade ao feudalismo**. 2 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- ARRUDA, José Jobson de. **Toda a História**. 8 ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BEAUD, Michel. **História do Capitalismo: de 1500 aos nossos dias**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

DOBB, Maurice. **A evolução do Capitalismo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. 17 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

HUNT, E. K.; SHERMAN, Howard J. **História do pensamento Econômico**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

MENDONÇA, Nadir Domingues. **O uso dos conceitos**: uma tentativa de interdisciplinaridade. Bagé: FAT/FUnBa, 1983.

OHLWEILER, Otto Alcides. **Materialismo Histórico e crise contemporânea**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

REZENDE, Cyro. **Economia brasileira contemporânea**. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.